

LINGUASAGEM

METÁFORA E CULTURA: CONSTRUINDO SENTIDOS BASEADOS EM CENÁRIOS DO SERTÃO NORDESTINO

Ricardo Yamashita SANTOS¹

RESUMO

Pretendemos mostrar neste trabalho como as nossas projeções conceptuais, aos moldes, principalmente, de Lakoff, Johnson e Fauconnier, (re)configuram o mundo, os cenários e todos os referentes ao nosso redor e de que modo refletimos isso na linguagem. A poesia de João Cabral que escolhemos para a análise, carregada de uma forte linguagem crítica com relação ao trato do país ante os moradores da região nordeste, parece-nos particularmente apropriada para pensarmos as construções conceptuais resultantes das projeções evidenciadas no poema. Ao longo do texto, e a partir de um mapeamento contextual específico, o autor constrói os conceitos de *vida*, como sobrevivência e subsistência, e de *morte*, como algo banalizado nas comunidades sertanistas, dada a situação caótica em que se encontram. Analisaremos essas projeções conceptuais que norteiam a construção textual do autor e, com isso, buscaremos entender como o par forma/sentido está intimamente imbricado às nossas experiências na produção de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Projeções Conceptuais. Mesclagem. Gramática de Construções.

Introdução

Nossa proposta objetiva relacionar a Teoria Cognitiva da Metáfora (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 1999) e a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994; FAUCONNIER & TURNER, 2002), para analisarmos as projeções conceptuais retiradas do poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto. Para isso, faremos um rápido percurso teórico apontando os principais alicerces teóricos das duas propostas e, em seguida, faremos uma aplicação dessa formulação teórica. Com isso, pretendemos compreender como as metáforas estão intimamente imbricadas com a

¹ Professor DNS IV da Universidade Potiguar (UnP) e coordenador dos cursos de Letras - Português e Letras - Português/Inglês. E-mail: japanatal@hotmail.com.

cultura por meio de um complexo sistema cognitivo que envolve linguagem, cognição e cultura.

Conhecendo a teoria da mesclagem conceptual (tmc) e a teoria cognitiva da metáfora (tcm)

Para Fauconnier (1994), os seres humanos não são conscientes das construções cognitivas que realizam. Essas construções, diferente do que foi proposto, por exemplo, por Chomsky, não seriam dependentes de sua forma linguística e nem teriam seu significado atrelado a elas, sem um entendimento contextual no processamento de sentido. As projeções por nós realizadas dependeriam de diversos mapeamentos mentais que (re)moldariam nosso conhecimento através de nossas experiências. Isso equivale a dizer que nossa mente é complexa e amplamente criativa, no sentido de que realiza constantemente construções cognitivas e as configura em nossa linguagem, sem “estancar” um conceito, fechá-lo e categorizá-lo de uma forma definitiva, como sugeria a proposta de categorização clássica aristotélica.

Lakoff e Johnson (1980, 1999), reforçando a perspectiva de Fauconnier, atestam a grande diferença de entendimento entre a concepção clássica e a concepção experiencialista, de mente corporificada. Na concepção chomskyana, por exemplo, teríamos a cognição como um aparato mental, biológico, mas somente interno ao nosso corpo. Nossa capacidade cognitiva seria regida por uma estrutura objetiva, imanente, e que nortearia todo o nosso conhecimento. Para a ciência cognitiva contemporânea, teríamos o entendimento de cognição como um elemento que descreve as estruturas e operações mentais que realizamos, agregando linguagem, pensamento, percepção sensorio-motora, sistemas conceptuais, afetividade e razão. A razão seria, pois, mais um elemento possível de se constituir. Porém, a mesma não seria transcendental, mas sim resultado de nossas projeções conceptuais. Vejamos, na sequência, a concepção de língua como construção negociada, para, posteriormente, aprofundarmos a noção de projeções conceptuais.

Língua enquanto construção negociada

É no entendimento de língua enquanto ação conjunta, como atesta Clark (1996), que os sentidos são construídos e negociados em sociedade. Só entendemos uma partida

de futebol, por exemplo, por compartilharmos de experiências socioculturais e entendermos que, se formos assistir a um jogo, devemos ir para as arquibancadas, se formos jogadores, deveremos ir ao vestiário, bem como, na hora do jogo, tocar a bola para nossos companheiros, fazer gol nos adversários etc. Todas nossas ações são compartilhadas e, portanto, negociadas intersubjetivamente.

Nesses termos, entendemos que o sentido é algo dinâmico, está sempre em constante construção, justamente por ser negociado. Não se torna, portanto, algo determinístico nem definitivo, mas sempre é situado em contextos, ações, com propósitos distintos. Portanto, quando duas pessoas dialogam, não existe uma pessoa que passe conhecimento a outra como se este processo se tratasse apenas do preenchimento de uma *tabula rasa*, mas o que acontece, de fato, é uma negociação de sentidos até que se formem consensos. Nós só construímos sentido em sociedade porque podemos nos comunicar a respeito dessa sociedade. Desse modo, argumentamos e formulamos hipóteses sobre as questões, até que criemos consensos.

Marcuschi (2005) usa um exemplo muito interessante sobre o Sistema Solar e o Sistema Jurídico. Embora o Sistema Solar pareça algo, de fato, concreto, por existirem os planetas que o compõem, tornando-o algo menos abstrato que o Sistema Jurídico, devemos entender que ambos se tratam de convenções sociais, de esquemas conceituais que são negociados intersubjetivamente. Para os astrônomos, Plutão deixou de ser um planeta e alterou, portanto, a formação do Sistema Solar. Isso não significa que esse fato realmente ocorreu, com o planeta destituído “do cargo” tendo que sair do Sistema Solar. O que ocorreu foi uma nova reformulação sugerida pelos astrônomos e acatada pela sociedade. Da mesma forma que o Sistema Jurídico possui leis que podem ser reformuladas de acordo com as necessidades de cada situação nova que venha a surgir.

A realidade, nessa perspectiva, é algo que se constrói na relação contexto e forma linguística. O olhar para o que está em volta de nós se faz prioritário para a compreensão cognitiva que realizamos. Porém, diferente de entender o externo ou o interno como algo definidor, a relação simbiótica entre contexto e sujeitos se dá sem uma hierarquia na formação de sentido. A língua passa a ser ação conjunta na construção intersubjetiva realizada entre os sujeitos que negociam determinada cultura. Tal negociação difere, portanto, de diversos fatores, que vão do social ao individual, influenciando a construção de sentido.

De acordo com essa proposta, coerentemente com o conceito de mente corporificada, não podemos pensar em um sujeito que processa conhecimento por si

mesmo, seja através de uma capacidade inata de produzir relações sintagmáticas como almeja Chomsky, ou através de um externo no mundo que determine todo seu conhecimento. O que acontece, na verdade, é a junção dessa relação no processo cognitivo. Existe sim uma mente individual como também existe a mente coletiva. É na fusão dessas duas possibilidades que surge a cognição humana. A língua é, portanto, construída na interação, de um modo negociado.

Projeções conceptuais

As projeções conceptuais, desse modo, estariam divididas em três níveis, basicamente entendidos dessa forma:

1. Domínios conceptuais estruturados: projetam parte de um domínio em outro, caso das metáforas e analogias;
2. Funções pragmáticas: quando temos dois domínios que podem ser projetados um em outro, caso das metonímias e sinédoques;
3. Esquema: são as projeções de diversos domínios, que resultam das formulações conceptuais e pragmáticas e são geradoras de sentido que podem, por vezes, trazer ironia, humor, tristeza etc.

Ao considerarmos as projeções conceptuais, percebemos que os aspectos da cognição humana são refletidos em nossa linguagem não exclusivamente através da estrutura linguística, como almeja Chomsky (1957). Nós refletimos o processamento de nossa linguagem através das metáforas, metonímias, expressões idiomáticas etc. Essas projeções se constituem em nosso dia-a-dia, no comportamento social e no modo como utilizamos a língua. Tais projeções se regularizam e se reconstróem nesse mesmo uso, de acordo com as necessidades comunicativas. Essa capacidade de construir cenários, conceitos e estabilizá-los, além de reconfigurá-los de acordo com as nossas necessidades, recebe o nome de *frame*. Em outras palavras, o *frame* que construímos nos ajuda a estabilizar parcialmente os domínios conceptuais, tornando-os domínios estáveis e, ao mesmo tempo, nos possibilita reconstruí-los, através de novas associações de conceitos, como veremos no próximo tópico.

Projeções como construções de espaços mentais

Imaginemos agora um escritório e todos os seus principais itens. Agora, imaginemos um computador. A ideia é utilizar em um programa de computador uma linguagem acessível que mescle tais conceitos. Nesse caso, teríamos que possuir dois *inputs* para pensarmos a criação de um espaço genérico, ou seja, um espaço mental em que se agregue os dois conceitos:

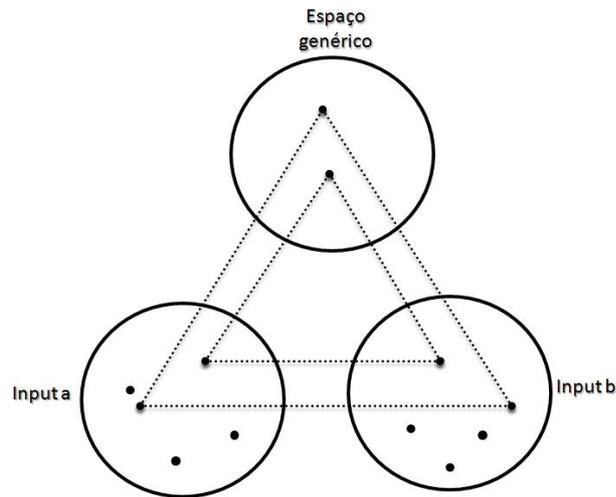


Figura 1: Rede complexa (adaptada de Evans e Green, 2006, p.404)

Lembremos que um computador, hoje em dia, se tornou ferramenta indispensável ao trabalho, seja para organização das contas, trabalho financeiro, acesso à internet etc. Em um escritório, por exemplo, é difícil imaginar que não haja um computador. Desse modo, nada mais prático do que criar um sistema operacional com a interface que lembre um escritório. Na figura 1 nós temos os dois *inputs*, a e b, computador e escritório respectivamente, e, acima, um espaço genérico que agrega ambos os conceitos para a criação do programa de computador, além de nos informar quais relações são comuns a ambos os *inputs*. Assim, iniciamos o processo de mesclagem:

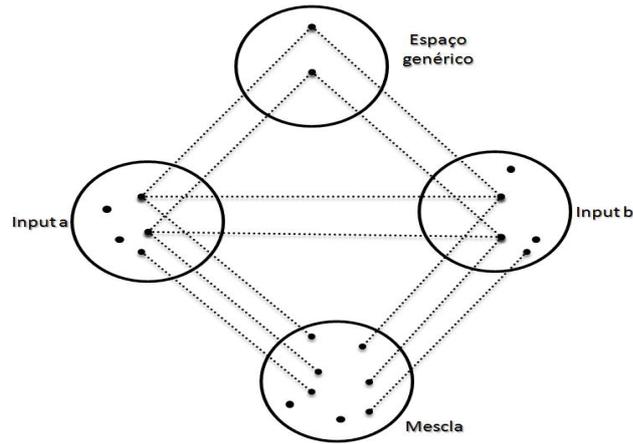


Figura 2: Espaço Mescla (adaptada de Fauconnier e Turner, 2002, p. 46)

Desse modo, construímos uma projeção que remete aos elementos de um escritório dentro do programa de computador. A interface resultante dessa mesclagem projeta elementos como arquivos, pastas, documentos, lixeira etc. presentes no funcionamento, tanto do programa do computador como no cotidiano do escritório. Esses pontos de convergência, marcados pelas bolinhas pretas na figura 2, são comparados no espaço genérico e mesclados, formando a composição do programa de computador. Tempos atrás, o computador funcionava através de comandos que deviam ser digitados e de difícil memorização. Agora, com essa nova mesclagem, o computador funciona através da ativação desses elementos que lembram um escritório, facilitando e aproximando-o mais de nossas experiências cotidianas. Isso parece ser um dos pontos cruciais para a criação das projeções. Utilizar uma linguagem mais acessível para nós, de acordo com nossas necessidades.

A linguagem se mostra como uma ferramenta útil não por possuir uma forma que norteie seu significado, mas por possuir uma forma que ancore nossa capacidade complexa de construir significados. Não é a palavra computador que reflete o objeto e seu sentido. O processo cognitivo que realizamos é muito mais complexo, pois ao pensarmos em computador, recuperamos todo um espaço mental de seu contexto de uso, suas funcionalidades, sua forma, o próprio signo linguístico etc.

Princípios da optimalidade

Nesse sentido, percebemos a TMC e a TCM como primordiais para o entendimento das nossas capacidades cognitivo-conceituais. Lakoff e Johnson (1980) já

nos alertavam para a existência de um sistema conceptual cognitivo nos processos de construção de sentido, tendo a metáfora como alicerce central nesse processamento. A profusão da análise johnson-lakoffiana e turner-fuconniana avançam nesse entendimento e de diversas outras mesclas possíveis de serem realizadas cognitivamente. A nossa mente mescla conceitos por perceber semelhanças constitutivas entre eles e consegue, desse modo, traduzir o pensamento na linguagem de um modo acessível socioculturalmente. São jogos de linguagem que são realizados e, por serem jogos, possuem regras preestabelecidas. Entendemos como as regras aquilo que denominamos como princípio da optimalidade (FAUCONNIER E TURNER, 2002). Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1: Princípios de optimalidade da mesclagem (Duque e Costa, 2010, no prelo).

Princípios de optimalidade	Descrição
Princípio da Topologia	A mescla e os <i>inputs</i> são configurados para que a topologia utilizada nos <i>inputs</i> (relações de espaço-exterior) seja refletida no espaço-mescla (relações de espaço interior).
Princípio dos padrões já completados	Os elementos são completados no espaço-mescla, em princípio, usando os padrões integrados já existentes como <i>inputs</i> adicionais. Pode-se também recorrer a <i>frames</i> completos que apresentam relações que comprimem versões já acessadas de importantes relações vitais de espaços-exteiores entre os <i>inputs</i> .
Princípio da integração	A mescla deve ser constituída de um todo integrado que pode ser manipulado como uma unidade.
Princípio da maximização das relações vitais	As relações vitais são maximizadas na rede. Em particular, as relações vitais são maximizadas no espaço-mescla e refletidas em relações vitais nos espaços exteiores.

Princípio de rede	A mescla, manipulada como uma unidade, deve manter a rede de conexões adequadas ao espaço de <i>input</i> com facilidade e sem observância de composição adicional.
Princípio da descompactação	A mescla por si só deve induzir à reconstrução de toda a rede.
Princípio da relevância	Um elemento na mescla deve ter relevância, (incluindo relevância para estabelecer <i>links</i> com outros espaços e para fazer a mesclagem funcionar). Inversamente, todas as relações de espaço-exterior entre os <i>inputs</i> , que sejam importantes para as finalidades da rede, devem ter uma compressão correspondente na mescla.

Através desses princípios, realizamos mesclas possíveis, sem que haja uma necessária utilização de todos os elementos pertencentes a um domínio conceitual específico. Os princípios seguidos são, obviamente, baseados em uma escala humana, dentro de valores agregados a tal capacidade. Teríamos, portanto, quinze relações vitais: tempo, espaço, causa-efeito, parte-todo, representação, papel, analogia, desanalogia, propriedades, similaridade, categorias, intencionalidade e singularidade.

A todo o momento manipulamos nossas relações vitais para nortearmos nossa cognição: “Hoje estou para cima”, por exemplo, significa estar bem – tempo (hoje), espaço (relação corpórea), causa-efeito (sentir-se bem, estar para cima), parte-todo (analisando-se enquanto ser), representação (ESTAR BEM É PARA CIMA, representando o sujeito na relação metafórica) etc. Além disso, essa relação metafórica constrói completamente a noção de experiência corpórea (metáforas orientacionais de espaço) e nossa mente entende essa construção e a transforma em linguagem através das relações vitais realizadas. Podemos nos utilizar delas de acordo com a necessidade, ora de uma, ora de outra, ora da relação que possa ser construída etc. A estrutura que emerge dessa formulação está sempre sendo comprimida ou descomprimida, dividida pelos autores em cinco redes de compressão conceitual: rede simplex, espelho, escopo simples, duplo escopo e escopo múltiplo.

As redes de compressão conceptual

Resumindo as operações das redes, teríamos a de escopo simplex como a mescla de domínios conceptuais. É quase uma relação entre um significado e sua representação. Por exemplo, Maria é mãe de João. A rede simplex percebe a relação existente no campo “família” e associa os elementos pertencentes na família: Maria – mãe, João – filho. Essa mescla realizada vai conter todos os fatores relevantes de ambos os *inputs*.

Já na rede de espelho teríamos uma mescla pautada em um *frame* que possua certo grau de compatibilidade entre os domínios, possibilitando *inputs*. Um bom exemplo seria, como mostra Duque e Costa (2010, no prelo), pegarmos o Ronaldo, jogador, e colocarmos juntamente com a seleção brasileira de 70, mesclando jogadores de épocas distintas em um mesmo *frame*. Além disso, só podemos criar tais mesclas a partir das *sinapses*, ou seja, a partir da mescla de informações que nossos neurônios ativam para que ambos os conceitos sejam mesclados e criem a rede de espelho.

Nas redes de escopo simples, encontraríamos as metáforas, por exemplo, aos moldes de Lakoff e Johnson (1980, 99), nas quais teríamos um domínio-fonte e um domínio-alvo, com dois conceitos distintos que se mesclam, criando um novo espaço mental dessa junção, como em DISCUSSÃO É GUERRA, AMOR É UMA VIAGEM dentre outras relações metafóricas tratadas à exaustão pelos autores.

Nas redes de escopo duplo, o domínio-fonte tem a mesma importância que o domínio-alvo, criando conceptualizações que integram elementos de cada espaço mental. Por exemplo: “Dava para ver faíscas saindo dos olhos dele, de tanta raiva” (DUQUE & COSTA, 2010, no prelo). Essa mesclagem agrega elementos como o fogo e os olhos, conceitualizando a noção de que RAIVA É FOGO, sem que, para tanto, tenhamos elementos como faísca e olhos no domínio-alvo e domínio-fonte, respectivamente. O que acontece, nesse caso é que o elemento que “armazena” ambos os domínios é o mesmo: no caso, a cabeça armazena tanto os olhos quanto as faíscas e, conseqüentemente, a metáfora conceptual de que RAIVA É FOGO.

Por fim, temos a rede de escopos múltiplos, onde estariam mesclados diversos conceitos, criando, assim, vários espaços genéricos para a realização da junção de conceitos. Um exemplo seria “Se o presidente Lula fosse um Titanic e a oposição fosse um iceberg, o Titanic bateria no iceberg e quem naufragaria seria o iceberg”. Teríamos, nesse caso, diversas mesclas. Uma relacionando Lula a um barco e, em específico, o Titanic. Na outra, a oposição que seria um iceberg. Tal relação, além disso, envolve um

mesmo domínio estável, que é o mar, mas também envolve outro domínio, que é o da política. Além disso, teríamos uma “quebra” na relação vital do papel/valor, que envolve tanto o Titanic que naufragou ao bater no iceberg, quanto à do próprio iceberg. As inversões de valores causam um fator “irônico”, que já seria o resultado mais geral das mesclas realizadas. Em outras palavras, Lula está tão firme que, mesmo se fosse um barco a deriva, ao bater no iceberg da oposição, faria este sucumbir.

Todo nosso processo imaginativo de construção conceptual se dá através de operações básicas denominadas pelos autores como “os três *is* da mente”: *identidade* – que reconhece, assemelha, equivalência, diferença etc; *integração* – busca a identidade e a oposição possível; e *imaginação* – relaciona as propostas anteriores, além de avançar em criações simulativas e ficcionais para poder construir a linguagem. Algumas teorias podem dialogar com a proposta de Fauconnier, como a noção de *Modelos Cognitivos Idealizados* (MCI), de Lakoff (1987), as projeções de nosso sistema conceptual, de Lakoff e Johnson (1980), a estrutura esquemática de imagem, na gramática cognitiva de Langacker (1986) dentre outras.

Assim, constituímos o nosso pensamento. O que, na verdade, o norteia são as projeções conceptuais que realizamos quando agregamos linguagem, cognição e cultura. Essa análise mostra que nossa mente, muito mais do que dissociar, associa os conceitos, mescla-os e reconstrói modelos cognitivos. Nós projetamos os conceitos através de nossa mente que é extremamente criativa, no sentido de criar construções, por muitas vezes, fictícias, relacionar fatos que nunca aconteceram e reconfigurar fatos do passado. Não se trata apenas de uma competência inata, aos moldes chomskyanos, mas de uma competência que está atrelada aos fatos experienciais, que atrela léxico a semântica de um modo contextual. A própria noção de razão pode ser entendida como uma projeção conceptual, afinal, chegamos a um consenso de logicidade após interpretar as questões e darmos um ponto de vista a tal formulação, o que sistematiza o conceito.

Como as projeções conceptuais ocorrem lexicalmente

Neste tópico, daremos uma introdução básica de como construímos as projeções, pautados nos pressupostos de autores como Lakoff & Johnson (1980, 1987, 1999) e Lakoff (1992); Fauconnier (1994) e Fauconnier e Turner (2002); Goldberg (1995), Bergen e Chang (2005), dentre outros. Como dito anteriormente, para a LC, a gramática é o resultado da interação de um sujeito cognitivo com seu entorno sociocultural, que é

experienciado por esse sujeito através de seus aspectos físicos e sensório-motores. Esse é o foco da Gramática de Construções. Para tal gramática, os morfemas, léxicos, palavras, expressões idiomáticas etc. são construídos através de esquemas genéricos; formulamos as palavras e enunciados para falar sobre algo – fez o quê? A quem? Para que? Para quem? Como? Etc.

Salomão (2009, p. 41-42) fala sobre a relação forma/sentido como composições construcionais. No pólo da forma, teríamos duas dimensões: uma dimensão física do significante (fonemas, letras e gestos, como em Libras) e uma dimensão morfossintática (classe sintática dos constituintes das estruturas e as relações de dependência e hierarquia entre os constituintes). Já no pólo do sentido, teríamos duas dimensões: uma conceptual e uma discursiva. A dimensão conceptual inclui os esquemas imagéticos, sensório-motores, *frames*, metáforas, mesclagens etc. E, por fim, a dimensão discursiva que envolve a ativação dos espaços mentais, através dos domínios estáveis, a interpretação contextual que envolve reconhecimento de gêneros discursivos, registro sociolinguístico etc. Por isso, Goldberg (2006) apontou a existência de construções no nível forma/sentido, como veremos no quadro a seguir:

Quadro 2: Exemplos de construções variando em tamanho e complexidade (adaptado de GOLDBERG, 2006, por Duque e Costa, 2010, no prelo).

Construções	Exemplos
Morfema	in- -vel
Palavra	Homem cigarro ou
Palavra-complexa	ventilador-de-teto janela-de-correr
Palavra complexa (parcialmente preenchida)	N-s (plurais regulares) N-a (gênero feminino)
Expressão Idiomática (preenchida)	“ir de vento em popa” “dar a mão à palmatória”
Expressão Idiomática	“X pediu a mão de Y em

(parcialmente preenchida)	casamento” “X mandou Y para o inferno”
Covariacional	não só (não apenas)... mas também (como) - O programa de Direitos Humanos pode trazer problemas para o governo não só com o agronegócio, mas também com outros setores. A imprensa é um deles (globo.com, em 07/01/2010).
Ditransitiva (duplo objeto)	Suj V O1 O2 – A cantora doou R\$ 150 mil para os necessitados.
Passiva	Suj Aux Vpp (por x) – O livro foi comprado pelo seu amigo.

Isso tudo só é possível por associarmos nossas experiências – ações – às possibilidades construcionais, que são, inclusive, formuladas através de frequências de *type*, ou seja, se tornam construções abertas, que podem atrair novos itens ao mesmo conceito, como mostrado por Duque e Costa (2010, no prelo). Vejamos o seguinte exemplo:

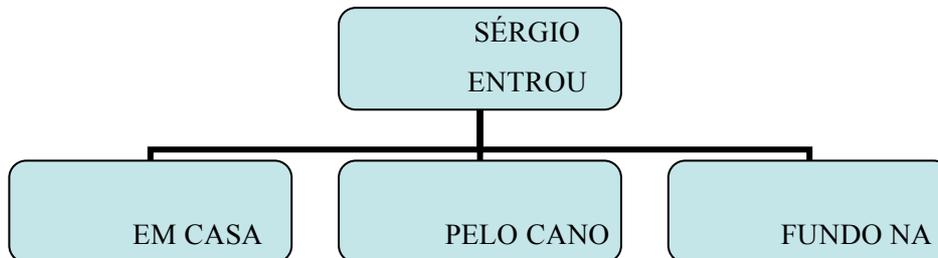


Figura 3: construções transitivas.

As construções transitivas (SVC – sujeito, verbo e complemento) são extremamente recorrentes na língua portuguesa e rotinizadas em nosso dia-a-dia. Tal frequência de ocorrência – chamada *token* – nos leva a interpretá-la como uma construção de um único item lexical complexo, como por exemplo “encher lingüiça, dar a volta por cima” etc. Desse modo, projetamos construções lexicais juntamente com construções semânticas oriundas de nossa experiência sociocognitiva. Se pensarmos, por exemplo, que “entrar” sempre pressupõe uma relação experiencial de um corpo que

se locomove de um ponto a outro, teremos, então, a base experiencial de construções como as expostas no exemplo acima. Relações como movimento, equilíbrio, orientação etc. são advindas de nossas atividades cotidianas, que são interpretadas através de nossos aspectos biológicos e sensorio-motores. Com isso, criamos esquemas imagéticos de nossas experiências como “Sérgio entrou em casa”, que pressupõe uma origem, um caminho e uma meta, como veremos no exemplo a seguir:

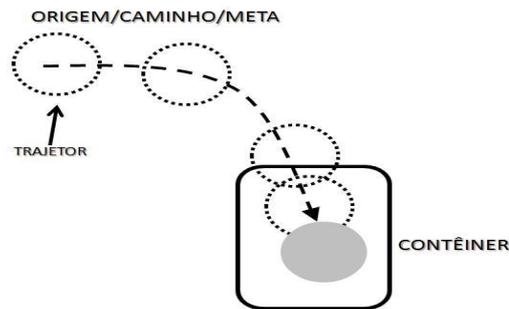


Figura 4: Esquemas combinados

(adaptado de Bergen e Chang, 2003, p. 03 e retirado de Duque e Costa, 2010, no prelo).

As metáforas construindo as projeções

A construção conceptual “entrar em casa” carrega, conjuntamente com a construção transitiva, uma construção conceptual metafórica, chamada por Lakoff (1999) como a metáfora do contêiner – ENTRAR EM ALGUM LUGAR É ENTRAR EM UM RECIPIENTE. Essa metáfora conceptual recupera os *frames* atrelados a expressão idiomática evocada por “entrou pelo cano”. A relação metafórica criada por “um cano” como sendo um recipiente não nos parece, de fato, ser algo “agradável” e, portanto, entrar pelo cano carrega uma carga que desconstrói o *frame* do recipiente anterior para algo ruim, diferente de “entrar em casa”. Se “Sérgio entrou pelo cano”, automaticamente, criamos uma projeção conceptual que une os espaços do caminho ao recipiente de um modo que entendemos isso como “Sérgio se deu mal”. Já em “entrar fundo na teoria”, temos a teoria como um recipiente e estudar a teoria significa entrar nela; quanto mais fundo entrarmos significa mais conhecimento adquirido. Eis as projeções metafóricas por nós construídas. Associamos os conceitos e criamos espaços mentais que resultam da mescla desses conceitos. Isso ocorre não só com conceptualizações metafóricas, mas com metonímias, personificações, ironias etc.

Metodologia de análise

Desse modo, todo o referencial teórico que servirá de base para a análise do *corpus* “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto (JCMN), foi explicitado aqui neste trabalho. Utilizaremos a Teoria Cognitiva da Metáfora (TCM) e a Teoria da Mesclagem Conceptual (TMC) para analisar, qualitativamente, determinados fragmentos do poema, considerados por nós como Construções Semânticas (CS).

Nossa análise, baseando-se na perspectiva da compreensão, busca identificar os processos cognitivos que subjazem à leitura de JCMN. Procuraremos analisar, através da TCM e da TMC, como construímos os *frames* do sertão nordestino e de que modo, através de nosso processo criativo, formulamos diversas mesclagens conceptuais que (re)constroem o cenário do discurso cabralino. As CS foram subdivididas por eixos semânticos, pois percebemos que em cada capítulo existe uma conceptualização que norteia o discurso de JCMN e a composição dos enunciados é ancorada por essa ideia central. Portanto, nos ateremos à dimensão conceptual e discursiva do texto cabralino, como explica Salomão (2009) e já explicitado neste trabalho, inserida no pólo do sentido.

Selecionamos para esta análise preliminar três CS específicas de três capítulos. A primeira foi retirada do primeiro capítulo: “O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI”, a segunda CS do segundo capítulo e a terceira do terceiro capítulo, todas divididas por tópicos. Em cada tópico nomearemos o capítulo a ser analisado conjuntamente com a projeção conceptual retirada das CS destacadas. Com isso, pensamos, a leitura da análise se torna mais objetiva, pois indicaremos qual projeção conceptual está norteando aquele capítulo do poema e, conseqüentemente, o tópico. Para o trabalho da Dissertação, pretendemos analisar CS dos dezoito capítulos que compõem o poema, portanto, esta análise tem como intuito servir de base para o desenvolvimento dissertativo do projeto.

A voz do sertão em João Cabral: analisando os dados

Apresentaremos nestes tópicos subsequentes uma análise parcial e qualitativa que envolve três momentos do poema. Para tanto, iniciaremos indagando a relação conceitual que fazemos a respeito de vida e de morte.

Esses dois conceitos, enraizados em nossa sociedade, traduzem movimentos antagônicos. A vida, na sociedade ocidental, é entendida como uma oportunidade e a

morte, o fim de tal oportunidade. Esse entendimento pode criar construções idiomáticas como estas:

- Essa vida é sua, encontre a força para escolher o que você quer e faça bem feito.
- Da vida não levo nada, a não ser o que aprendi.
- A única certeza que temos na vida é que vamos morrer.
- Não deixe para amanhã, buscar seus sonhos, pois hoje estou vivo e amanhã não sei.
- A morte, quando vem, traz consigo muita dor e tristeza; sentimento de que perdemos alguém importante.

Tais constructos não só formulam os conceitos de vida e de morte, como configuram, também, cenários que envolvem tais construções: *morte*: enterro – cemitério - tristeza; *vida*: oportunidade – celebração – felicidade. Esses conceitos citados criam esquemas imagéticos que rapidamente recuperam informações de contexto e, conseqüentemente, de cenários sociocognitivos. Nesse sentido, a morte se configura em cenários fúnebres, de contextos de tristeza e a vida, nessa oposição, seria a oportunidade de felicidade, alegria etc.

É nesse entendimento que criamos projeções conceptuais para a vida e para a morte. Juntamente aos conceitos, criamos os domínios estáveis que emolduram o cenário da vida e da morte, construindo na cultura tais sentidos. Os 3 “is” da mente se tornam fundamentais na formulação tanto da identidade dos conceitos, como na posterior dissociação e recriação. É a partir dessa recriação, que estaria no terceiro ‘i’ – imaginação – que conseguimos atrelar, por exemplo, uma imagem à morte – mortalha, foice e caveira – e uma imagem à vida – o nascimento como momento sublime, feliz, de esperança da perpetuação da espécie, dentre inúmeras outras imagens: “a morte é uma bela mulher que nos conduz ao divino”; “a vida segue nessa estrada rumo ao desconhecido”...

As experiências corpóreas são facilmente percebidas na produção semântica, pois a dor da morte de um ente querido condiz com o cenário fúnebre que cerca tal fato, bem como o inverso no nascimento de um filho, por exemplo. As projeções que vão sendo criadas se tornam próprias de uma mente que interpreta o mundo e não absorve verdades prontas.

Severino é modo de vida e de morte: primeiro fragmento – o retirante explica ao leitor quem é e a que vai

Cada fragmento que analisaremos serão aqui denominados por Construções Semânticas (CS), pois, de acordo com a Gramática de Construções por nós postulada, não existe uma estrutura que determine sintaticamente, por exemplo, seu conteúdo. Percebemos que o léxico acompanha a semântica de um modo contínuo, atrelando estrutura a conceito na formação do sentido. Vejamos agora o primeiro CS:

[...] Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas, e iguais também porque o sangue que usamos tem pouca tinta. E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina, que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida) (JCMN, 2000, p. 46).

Nessa CS, inferimos, do discurso cabralino, determinadas projeções conceptuais do cenário sertanista. Inicialmente, o autor traz para a voz narrativa de primeira pessoa, a presença de um Severino, nome próprio da personagem que narra sua história de vida. No transcorrer, percebemos que a personagem começa a fazer comparações entre ele – Severino – e outros Severinos, nome comum dado aos demais moradores daquela região. Na sequência, a comparação começa a ser feita com a vida dele e dos demais: “cabeça grande que a custo se equilibra [...] pernas finas [...] sangue com pouca tinta”. Todas essas características são iguais na vida de todos os Severinos, do mesmo modo que as características que marcam a morte são comuns a eles: “velhice antes dos trinta [...] fome um pouco por dia [...] de emboscada antes dos vinte”.

Nesse ponto, percebemos a criação de uma mesclagem metafórica, pois SEVERINO É MODO DE VIDA E DE MORTE. Notamos a personagem falar em “morte severina” como sendo um modo de morrer, comum a todos os Severinos, bem como ter uma vida severina, comum a todos ali residentes.

Todas as construções dessa CS apontam para tal conceptualização metafórica que norteia o discurso cabralino. É conjuntamente à conceptualização de *vida severina* que encontramos relações como “cabeça grande; ventre crescido; pernas finas; sangue com pouca tinta; iguais”. Todas essas construções edificam cognitivamente a

conceptualização de vida severina, como algo igual a todos, formando o conceito. Como podemos notar, esses constructos apontam a uma conceptualização de vida sofrida.

Já na conceptualização de morte severina, encontramos: “velhice antes dos trinta; emboscada antes dos vinte; fome um pouco por dia; fraqueza, doença, qualquer idade, gente não nascida”. Esses elementos constroem a projeção conceptual de morte severina, também compartilhada por todos e mantém a perspectiva de que, se morreram, foi em decorrência de uma vida sofrida.

A relação conceptual, que concerne à rede de escopo simples, segundo Fauconnier, de que SEVERINO É MODO DE VIDA E DE MORTE tece toda a CS analisada. Percebemos, até este ponto, o quanto a projeção conceptual se torna uma formação de base, que recupera os *frames* conceptuais e, através do processo de mesclagem, chegamos às projeções que transformam o sujeito Severino, entendido inicialmente através de substantivo próprio, em substantivo comum, severino, pois se torna um modo de vida e de morte “vida e morte severina”.

Mesclando domínios: ave-bala: segundo fragmento: encontra dois homens carregando um difunto numa rede, aos gritos de: “ó, irmão das almas! irmão das almas! não fui eu que matei não!”

[...] — E quem foi que o emboscou, irmãos das almas, quem contra ele soltou essa ave-bala?

— Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma *bala voando*
desocupada.

— E o que havia ele feito,
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal *pássara*? (JCMN, 2000, p. 48).

Percebemos nesta CS uma mesclagem conceptual denominada por Fauconnier como rede de escopo duplo. Existem dois domínios conceptuais que estão sendo mesclados e, diferentemente da mesclagem metafórica em que um domínio se concretiza no outro, aqui temos dois domínios se fundindo, sem que um seja um domínio-fonte e o outro seja um domínio-alvo. Ambos se encontram em uma mesma moldura “bala voando desocupada”, “a tal pássara”; ou seja, os dois domínios estão mesclados dentro de um mesmo domínio estável, que é o cenário que comporta a mesclagem AVE-BALA, pois ambos os conceitos podem, nesse sentido, voar.

A ave voa; a bala também voa ao ser disparada. Mas, no caso, a ave-bala, além de ser elemento que auxilia na emboscada, ou seja, na morte de outra pessoa, possui os elementos que podem ser desde simplesmente voar “voar desocupada” como matar alguém “quem contra ele soltou essa ave-bala?”.

O cenário que vai se criando através dessa projeção conceptual remonta toda a relação anteriormente analisada de vida e morte severina. A ave-bala compõe o cenário do Severino, como mais uma das probabilidades que podem acarretar em morte severina: “emboscada antes do vinte”, como bem relata o autor no fragmento: “E quem foi que o emboscou, irmão das almas?”. A referência ao irmão das almas é para a pessoa que carrega os corpos dos defuntos, até um lugar em que se possa fazer seu enterro, sendo que esse irmão das almas é também alguém que vive a vida severina e, portanto, compõe o cenário conceptual de que SEVERINO É MODO DE VIDA E DE MORTE.

Portanto, a mesclagem conceptual de AVE-BALA traduz dois universos em um só. Vamos observar a figura:

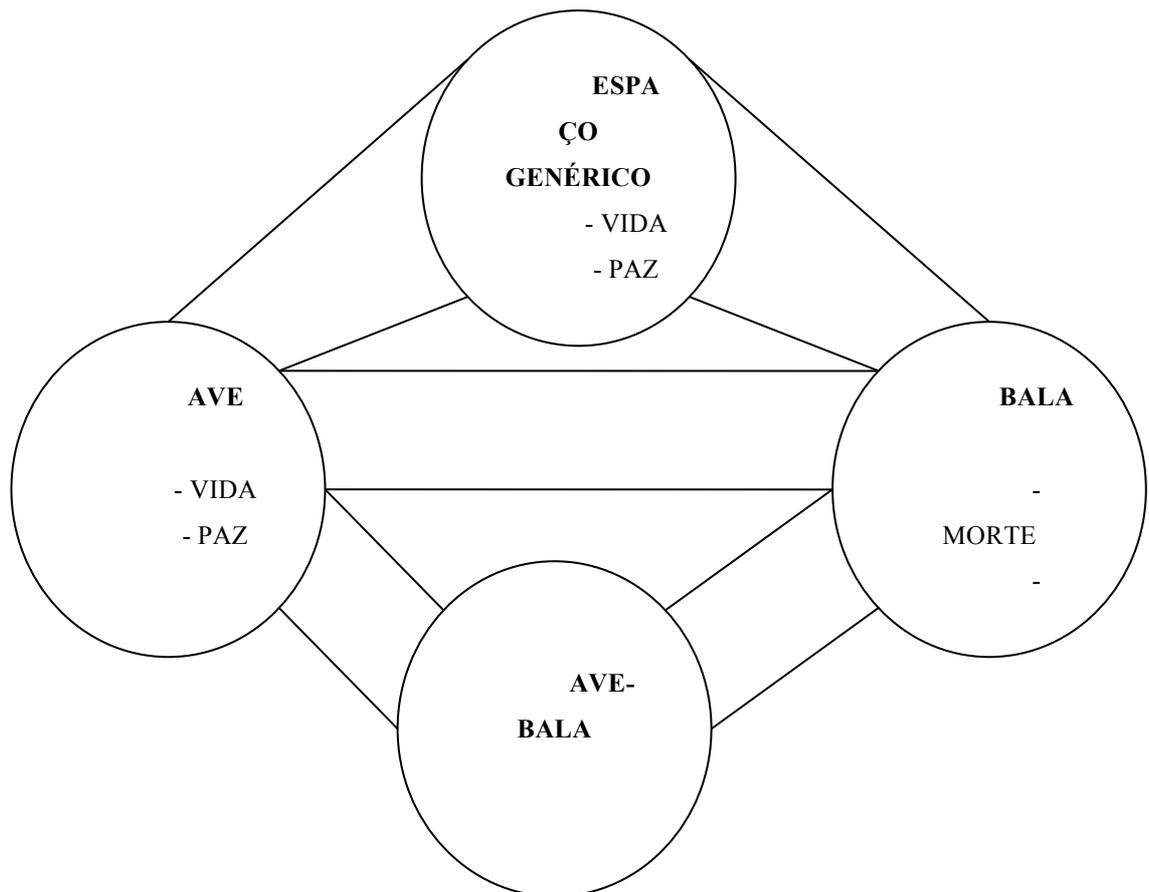


Figura 5: mesclagem conceptual AVE-BALA

A ave carrega elementos como paz e vida, enquanto a bala traz a morte e a guerra emblematicamente. É nessa moldura semântica que se constroem enunciados como “sempre há uma bala voando, desocupada”; “e o que havia ele feito, contra a tal pássara”. No primeiro enunciado, percebemos a predominância do conceito bala, que voa desocupada, e no segundo, a necessidade de questionar porque a “tal pássara” acertou o sujeito morto. Eis que a mesclagem AVE-BALA reconstrói ambos os conceitos, trazendo elementos como “voar” e “matar” atrelados a mesclagem conceptual que surge em um novo espaço mental.

Conclusões

Com isso, pretendemos constatar, a partir dos resultados obtidos preliminarmente nesta pesquisa, como nossa relação experiencial, em uma determinada cultura, influencia a produção linguístico-cognitiva que criamos para falar sobre eventos, conceitos, ações etc. e como isso se evidencia em nossa linguagem, através das projeções conceptuais evocadas por nós, no processo de produção de sentido. A relevância deste trabalho se dá, em nosso entendimento, na importância de entender a mente humana como um elemento corporificado, que processa as experiências não de um modo autônomo, mas de um modo contextual. Somos seres semióticos e cognitivos justamente por nos situarmos em um determinado espaço. Criamos linguagem, portanto, para vivermos em sociedade, negociamos sentido e nos reciclamos, de acordo com as novas projeções que realizamos.

As projeções conceptuais se formam das experiências por nós compartilhadas, o que compete dizer que nosso processamento cognitivo é construído conjuntamente com as experiências interiorizadas em nossa mente.

Nossa linguagem é o resultado de um complexo processo de construção de sentido, uma gramática cognitiva que se molda nas experiências socioculturais, amparadas pelo nosso aparelho sensório-motor e, portanto, dependente e limitada fisicamente. Entendermos como JCMN constrói o poema é muito mais do que analisar a obra em si. Tal análise explica como processamos linguisticamente o nosso conhecimento de mundo e, portanto, as projeções conceptuais que são inferidas da obra apontam um mundo construído cognitivamente, observando determinada cultura, que no caso é o sertão nordestino.

Dessa forma, buscar novas metodologias de ensino a partir dessa compreensão nos parece ser mais produtivo do que apenas ensinar uma gramática abstrata no ensino

básico. Com certeza, o desdobramento dessa pesquisa pode ser aplicado ao ensino, de modo que os alunos percebam, por exemplo, como JCMN constrói o cenário de seus poemas. Essa parece ser uma proposta que atrela o conhecimento linguístico ao prático, o que, com certeza, traz coerência ao processo de ensino e aprendizado.

Para a ciência, tal estudo também tem gerado frutos. As neurociências têm feito pesquisas sistemáticas sobre produção da linguagem, amparadas por esses estudos linguísticos. Atualmente, o grupo de pesquisas chamado por NTL – *Neural Theory of Language* – do qual Lakoff faz parte, conjuntamente com Bergen, Chang, dentre outros neurocientistas, linguistas, cientistas da computação etc. tem a intenção de analisar formalmente a linguagem humana, criando, inclusive, uma nova proposta de estudo computacional de produção linguística, considerando, obviamente, a nova concepção de construções corporificadas por nós analisadas. As perguntas motivadoras das pesquisas são as seguintes:

- How can the brain -- a highly structured network of neurons -- support thought and language? How do the specific neural structures of the human brain shape the nature of thought and language?
 - How are language and thought related to other neural systems, including perception, motor control, and social cognition?
 - What are the computational properties of neural systems?
 - What are the applications of neural computing?
- (questões retiradas do site www.icsi.berkeley.edu/ntl/, último acesso em 30 de junho de 2010).

Algumas noções como espaços mentais, *frames*, *slots* são bem dissecadas na teoria computacional da mente, resultando em um estudo formal da linguagem que pode ser utilizado computacionalmente. Trata-se de um avanço nos estudos das ciências cognitivas, principalmente na proposta de mente artificial.

Portanto, entender o processamento da linguagem parece ser útil para a pesquisa como um todo. Ao evidenciarmos as projeções conceptuais concernentes ao poema *Morte e Vida Severina*, estamos, acima de tudo, buscando compreender as ferramentas que nossa mente utiliza para produzir sentido. Essa explicação, como vimos, traz avanços consideráveis, como entender que cognição, linguagem e cultura são elementos que se condicionam de um modo conjunto. Nossa relação com o mundo é

compartilhada e se entendemos as construções de vida e morte é porque negociamos esses conceitos em sociedade.

A vida se torna referência marcada para todos nós, pois é a partir dela que nos constituímos. E todas as construções de JCMN atentam para esse entendimento, de igual modo quando as projeções conceptuais apontam para a morte, que também se torna um elemento extremamente marcado na realidade sertanista. Se ele cria, por assim dizer, essas possibilidades, é porque ele se baseia na experiência vivida pelos povos daquela região.

Associar vida e morte como modo de viver e morrer como Severino, que se torna severino, é o resultado de uma mescla conceptual que atesta a criatividade do autor conjuntamente com a percepção da realidade sofrida daqueles sujeitos. As experiências que compartilhamos se tornam, portanto, ações conjuntas, negociadas intersubjetivamente. Ou seja, mesmo considerada uma ficção, a obra cabralina retrata a realidade sob sua ótica, o que prova como nossa mente atua criativamente na produção de sentido, seja ficcional, seja na construção de fatos. A nossa racionalidade advém também da subjetividade, pois é ela que se torna ação negociada. Eis que nosso mundo não é um mundo apriorístico, mas um mundo construído sociocognitivamente.

REFERÊNCIAS

BERGEN, B. K. & CHANG N. *Embodied Construction Grammar in simulation-based language understanding*. In J.-O. Östman and M. Fried (eds.), *Construction Grammar(s): Cognitive and Cross-Language Dimensions*. Johns Benjamins, 2005.

BERGEN, B. K. NARAYAN, S. e FELDMAN, J. *Embodied verbal semantics: evidence from an image-verb matching task*. Proceedings of the Twenty-Fifth Annual Conference of the Cognitive Science Society, 2003.

BERGEN, B. K; CHANG N. & NARAYAN S. *Simulated action in an embodied construction grammar*. Proceedings of the 26th Annual Meeting of the Cognitive Science Society. Chicago, IL, 2004.

CHANG, N. *A computational model of comprehension-based construction acquisition*. Child Language Research Forum. Stanford, CA, 2004.

CHANG, N. *Constructing grammar: A computational model of the emergence of early constructions*. Computer Science Division, University of California at Berkeley dissertation, 2008.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*, The MIT Press, Cambridge, Ma, 1965.

CHOMSKY, N. *Rules and Representations*. New York: Columbia University Press, 1980.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*, Foris Publications, Dordrecht, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its nature, origin and use*, Praeger, New York, 1986.

CLARK, H. *Arenas of language use*. Chicago Press, 1996.

DAMÁSIO, A. *O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins: Publicações Europa-América. 1996.

DUQUE, P. H; COSTA, M. A. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências (no prelo)*.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. *The Way We Think*. New York: Basic Books, 2002.

FELTES, Heloisa Pedrosa de Moraes. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GEERAERTS, D. Introduction: Prospects and Problems of Prototype Theory. *Linguistics* 27: 587-612, 1989.

GOLDBERG, A.E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A.E. *Constructions at Work: the nature of generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

JOHNSON, M. *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

KOCH, I. V. e CUNHA LIMA, M. L. *Do cognitivismo ao sociocognitivismo*. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005.

- KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KRISTIANSEN, G. e DIRVEN, R. (eds.). *Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- LAKOFF, G. & TURNER, M. *More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. University of Chicago Press, 1989.
- LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G., JOHNSON, M.. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- LAKOFF, G., JOHNSON, M.. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G., JOHNSON, M.. *Women, fire and dangerous things*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. *The contemporary theory of metaphor*. In: Andrew Ortony. *Metaphor and thought*. 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.
- LANGACKER, R. W., *Foundations of Cognitive Grammar*, Stanford University Press, Stanford, 1987.
- LANGACKER, R. Culture, cognition, and grammar. In: PÜTZ, Martin (ed.). *Language Contact and Language Conflict*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- LANGACKER, R. W. *A dynamic usage-based model*. In: Barlow, M. e Kemmer, S. (eds.), *Usage-based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 1-63, 1999.
- LANGACKER, R. W. *Grammar and conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.
- LANGACKER, R. W. *A dynamic usage-based model*. In: Barlow, M. e Kemmer, S. (eds.), *Usage-based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 1-63, 2000.
- LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar as a Basis for Language Instruction*. Peter Robinson and Nick C. Ellis (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics and Second*
- LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; USP, 1979.
- MARCUSCHI, L.A. *A construção do mobiliário do mundo e da mente: Linguagem, cultura e categorização*. In: MIRANDA, N. S. e NAME, M. C. (Orgs.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed UFJP, 2005.

MEDRADO, B. P. *Espelho, Espelho Meu: Um Estudo Sóciocognitivo sobre a conceptualização do Fazer Pedagógico em Narrativas de Professoras*. EdUFPE, 2008.

NETO, J. C. M. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ROSCH, E. *Cognitive representations of semantic categories*. *Journal of Experimental Psychology: General*, 104, pp. 192-233, 1975.

ROSCH, E. Classifications d'objets du monde réel: origines et représentations dans la cognition. *Bulletin de Psychologie*, n. Spécial, 1976.

ROSCH, E. *et al. Cognition and Categorization*. Hillsdale, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

ROSCH, E.H. *Natural Categories*, *Cognitive Psychology* 4, pp. 328-50, 1973.

ROSCH, E., & Mervis C. B. *Family resemblance: Studies in the internal structure of categories*. *Cognitive Psychology*, 7, pp. 573-605, 1975.

SALOMÃO, M.M.M. *Gramática e Interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva da linguagem*. Veredas. UFJF. Vol. 1, Nº. 1, 1997, pp.23-39.

SALOMÃO, M.M.M.. *O processo cognitivo da mesclagem na análise linguística do discurso*. Juiz de Fora/Rio de Janeiro: UFJF/UFRJ/UERJ - CNPq, 1999. (Projeto integrado de pesquisa - Grupo Gramática e Cognição).

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Edusp, 1994

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*, translated by G.E.M. Anscombe, 1953.

Como referenciar este artigo

SANTOS, Ricardo Yamashita. *Metáfora e cultura: construindo sentidos baseados em cenários do sertão nordestino*. **revista Linguagem**, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 322-345.

Submetido em: 20/01/2017

Aprovado em: 03/05/2018